

Rede de esgoto solta

Sistema entupido de destroços e lixo nos

JULIO ALCANTARA

OF

fezes na Ceilândia

poços facilita propagação de doenças

SANDRA MACHADO
Da Editoria de Cidade

A Ceilândia está mergulhada em fezes. Quem duvida desta afirmação certamente ignora as ruas das quadras e conjuntos da satélite. Além da total falta de urbanização, já que não são asfaltadas, não possuem galerias de água, melo-fio ou sarjetas, elas são constantemente invadidas pelo vazamento dos "poços de visita" (saída dos esgotos), que, entupidos, soltam fezes e detritos em decomposição, formando enormes poças e veios de lama.

Este quadro propicia a propagação de doenças como hepatite e verminoses crônicas entre a população, principalmente em crianças, que brincam junto às poças e até dentro delas. As partes mais atingidas pelo problema são os setores P (Norte e Sul), O e sua expansão e as quadras laterais às centrais, pois ficam num nível mais baixo. Segundo o diretor da Divisão de Licenciamento e Fiscalização de Obras da Administração Regional de Ceilândia, Ronildo Menezes, é difícil a solução para o caos, pois a Caesb não conta com pessoal suficiente para atender à cidade, que cresceu muito nos últimos anos.

— Apesar de a Ceilândia estar com 100 por cento de rede coletora de esgoto nas ruas, o sistema não funciona, devido ao acúmulo de destroços e lixo nos poços de visita da rede. Ainda para piorar a situação, a própria população remove os tampões dos poços que, abertos, favorecem o acúmulo de mosquitos e moscas, transmissores de doenças — relata Menezes. Ele acrescenta que os pontos mais críticos, dentro do "Barril" (formato da Sate-lite), estão nas quadras localizadas nas quatro extre-

midades.

Outro problema grave, causado pelo vazamento dos esgotos, é a corrosão do asfalto das avenidas principais, pois a água putrificada é escoada para as galerias que ficam nos cantos centrais, onde também ocorrem entupimentos, causados pelo acúmulo de lixo e até corpos de animais em decomposição, como cães e gatos. "Neste período de seca, a situação melhora, mas, quando chove, a coisa fica bem pior" revela Nathaniel Bloomfield, engenheiro da Administração Regional, que acompanhou o CORREIO BRAZILIENSE nas incursões pelas ruas e becos de Ceilândia.

PODRIDÃO

Nas ruas da QNO 17, que fica na expansão do Setor O, há verdadeiras valas abertas, onde a lama e o fedor são uma constante. "Desde quando cheguei aqui, existe essa lama aí. A tarde, minha casa (barraço) é invadida por um enxame de mosquitos e moscas que fazem um barulho enorme. Parece até abelha", afirma Lourdes de Oliveira e Silva, que mora com os seis filhos pequenos num lote do conjunto 1. Ela fez um apelo às autoridades, ou candidatos à Constituinte, para que "olhem um pouco por nós aqui. Está uma miséria só".

Seus filhos têm diversos tipos de doença, sendo que a mais nova, de dois anos, teve hepatite e quase faleceu, há menos de uma semana. A barriga da criança está deformada pelas verminoses. Além da podridão, a lama da rua é foco de atração para ratos, baratas, moscas e mosquitos. "Não bastam os vagabundos que nos roubam todos os dias, neste lugar sem policiamento. Ainda tenho que arrumar dinheiro para comprar remédios

para as crianças", revolta-se Lourdes.

Enquanto dizia isso, um de seus filhos pulava na lama, brincando. A cena é comum na Ceilândia. Outro fato, constatado no dia-a-dia, é relatado por Francisco Nascimento, gerente do supermercado Famas. Segundo ele, o vazamento do bueiro que fica em frente ao estabelecimento é frequente, e, quando a Caesb o desentope, o escoamento normal dura poucas horas. "Não adianta. Ele entope outra vez. Lá para cima (na mesma rua), tem outros dois que acontece a mesma coisa", conta Nascimento.

Outro funcionário lembra que há outros dois, no matagal abaixo, que vazaram de tal forma "que ninguém consegue mais passar por ali, de tanto que fede". No momento que falavam, o bueiro começou a esguichar a água podre. O tampão não era suficiente para estancar a força hidráulica e cada carro que passava pelo "rio" formado naquele ponto espirrava a água para todos os lados, facilitando a contaminação, inclusive do próprio estoque de mantimentos do supermercado.

— Qualquer coisa pode entupir estas saídas de esgoto. Um pedaço de pano, estopa ou outro detrito de maior porte. O problema é que os moradores utilizam canos de qualquer largura, sem sifões ou instalações adequadas, que deixam passar detritos volumosos — critica o engenheiro da Administração. Para ele, a rede de esgotos está bem instalada. "O problema está nas ligações das casas até a rede da rua. Ean quanto os moradores não tomarem consciência de que não podem continuar escoando todo o tipo de lixo para o esgoto, esta bagunça não será resolvida", acrescentou.